

# **Alexandre Cabrita**

Viagens – Places

Março / Abril de 2010



## A desmedida vocação da imagem

Há qualquer coisa de muito peculiar, senão mesmo de paradoxal, nesta nova exposição de Alexandre Cabrita, “Via-gens/Places” de seu título, que deveremos ver como um todo, ou seja, como uma forma de *quase-instalação*.

De facto, o artista procede a uma espécie de pequena retrospectiva da sua obra - na medida em que nos contempla com várias “fases” do seu trabalho, entre as quais os retratos de recorte cinematográfico, as vistas de interiores, as vistas de cidades, as anamorfoses e mesmo com uma nova série de lembrança a Mondriaan -, sendo que todos esses trabalhos, presentes neste conjunto, são inéditos.

Mas Alexandre Cabrita não vem apenas mostrar-nos trabalhos inéditos. Mais radicalmente, o artista mostra aqui apenas obras recentes que, no entanto, referem algumas das suas séries anteriores, dando o conjunto da mostra a impressão de se constituir como uma espécie de exposição referencial de todas as fases do seu trabalho, embora sob a forma, simulada, de uma retrospectiva. Porque os quadros não são, nesse sentido, partes de séries anteriores, quadros que ficaram no repouso do atelier, mas antes continuações (ou réplicas) livres, aleatórias, de séries anteriores. Trata-se, portanto, de um falso indício ou antes, daquilo que se poderia designar como da ordem de uma imagem, neste caso concreto, da imagem de uma exposição ou, mais claramente ainda, da *imagem de uma retrospectiva*.

Este processo de que Alexandre Cabrita se socorre, implica evidentemente a consideração de um novo olhar sobre o seu trabalho. Em 2001 escrevi, a propósito deste, que “poderíamos por agora referi-lo como o daqueles artistas que, na arte contemporânea, ou seja nesse âmbito vasto que historicamente datamos como posterior ao das chamadas *últimas vanguardas*, colocaram abertamente nas respectivas obras a questão da *imagem da arte*. Interrogando pois, no interior do campo artístico, o modo como se processa a construção de uma imagem como algo que é prévio à própria criação, em vez de entenderem num plano puramente conceptual de anterioridade a origem da criação artística. Dito de outro modo, todos aqueles que colocaram a imagem no lugar do conceito, nessa nova situação que a arte pós-conceptual abriu de retorno à pintura e à possibilidade de integrar a interrogação sobre a imagem no campo da prática pictórica bem como da própria prática fotográfica.”

E essa preocupação, então apenas indexada mas já verificável nos trabalhos dos primeiros anos, reaparece aqui, e mesmo reforçada, desde logo nessa forma de encenar e de dar a ver o trabalho do artista, transformando a própria forma de o mostrar na imagem de uma coisa que não se limita a ser um conjunto de obras mas se apresenta como uma releitura da sua própria obra.

Ora, para um artista que tem feito da imagem o centro de toda a sua obra, esta conversão da forma de mostrar ou seja, da própria exposição das obras, também ela numa imagem, é um reforço, a seu modo surpreendente, do próprio sentido do seu trabalho.

E se antes se nos tornava evidente que a pintura de Alexandre Cabrita se procurava como espaço de interrogação de uma denominação mais alargada da imagem, agora, e através deste reforço conceptual, cada uma das suas pinturas parece constituir-se como um índice, como um *frame*, como um fragmento apenas de um processo mais vasto, e a seu modo mais radicalizado daquilo que poderíamos designar como uma manifestação extrema de um progressivo *devir-imagem da pintura*.

Dito isto, torna-se quase perverso contrariar o processo do artista e analisar, uma por uma, cada uma das suas imagens, decompondo-as assim, ou subtraindo-as desse todo maior para que tendem. Ainda assim tentemos fazê-lo, detendo-nos apenas numas quantas apenas para compreender melhor o modo do seu funcionamento.

Tomando-as como processo, apercebemo-nos de imediato do modo como nelas funciona o preto e branco: efeito (dir-se-ia brechtiano) de distanciação ou, ainda, modo de reforçar o que é da ordem de uma evocação fotográfica mas, sobretudo, maneira de fazer desaparecer todo o traço representativo ou naturalista. Porque Alexandre Cabrita sabe que uma imagem não representa, quando muito indicia. Daí, aliás, o seu carácter sempre fantasmagórico e espectral. Aqui, portanto, o preto e branco, tantas vezes presente desde o início na sua pintura, reforça o plano do indício ao mesmo tempo que apaga a vontade do representativo.

Mas para esta diluição da representação haverá também de contribuir a constante referência do artista a imagens poderosas ou icónicas da cultura popular, mas de um modo contrário da Pop, que as tomava directamente como tal, sem distância, enquanto simples imagens de imagens. Aqui, ao contrário, é num segundo grau, e pelas tipificações que tomaram no interior da cultura, que as imagens das figuras presentes são agarradas: assim com o Lawrence da Arábia, atlético e veemente como um profeta, ou com a distante Catherine Deneuve do cinema, fria e coquete, sofisticada e quase ausente (do mesmo modo que antes se haviam visto Jack Nicholson ou Jane Birkin).

Essas imagens funcionam precisamente na medida em que o seu referente se torna cada vez mais longínquo, e em que nelas emerge um efeito de reconhecimento (o indício) que é quase simultâneo ao do seu encaminhamento para uma dimensão, por isso mesmo, cada vez mais abstracta. Paradoxalmente, elas tornam-se cada vez mais universais na proporção da sua multiplicação mediática. Assim também com as anamorfoses que, em toda a história da pintura, fizeram coincidir o domínio de uma capacidade oficial com o extremar da consciência de que a pintura é apenas e sempre um jogo de ilusões. Não por acaso Alexandre Cabrita foi recuperar essa tradição.

Mas onde ela ainda mais se faz sentir, essa desmedida vocação da imagem, é aí onde o artista retoma o mais pictórico (e por isso o mais abstracto) dos pintores, Piet Mondriaan, e converte a memória da sua obra, por um efeito de reinvenção irónica, numa espécie de estudo preparatório que desconstrói o próprio propósito mondriaanesco.

Com efeito, ao alargar as manchas, ao cortar na força das cores e ao introduzir uma gestualidade naquilo que, no original, era precisamente sintético, contido, colorido e preciso nas separações operadas pelas linhas geometricamente traçadas, Alexandre Cabrita introduz um factor de desequilíbrio que transforma os Mondriaan (evocados no título) em momentos de pintura informal quase à maneira de um Tapiès.

É nisto que a obra de Cabrita, que já antes considerei próxima, no plano das suas intenções conceptuais, da de um Gerhard Richter ou da fotografia de um Jeff Wall, faz aqui um desvio (também ele conceptual) e se aproxima antes dessa voracidade da imagem que tem estado por detrás da obra de um artista como Robert Longo. De facto as duas estão próximas por aí, por onde a obra de Longo se manifesta como um permanente questionamento da imagem (e nomeadamente das imagens da pintura), e já que também Alexandre Cabrita, intuitivamente, aborda um processo semelhante ao gerar reflexos de um infinito espelhamento não do real mas do próprio visível tal como este se constituiu, para nós, através da memória da pintura e da memória do cinema, as duas artes maiores do ocidente.

Porque cada um de nós, hoje, olha já culturalmente as imagens, apropriando-se do seu poder evocativo, cada um também busca nelas o traço de uma qualquer similitude já não com o real como com a pintura ou com o cinema. É aquilo a que Serge Daney chamou a geração dos *cine-filhos*.

Por isso expressões como “é surreal” entraram tão facilmente no nosso léxico. Por isso também é tão frequente dizermos, de uma dada imagem, quando não de alguma coisa que observamos directamente no “real”, que ela nos lembra uma pintura ou uma sequência de um qualquer filme. Porque o cinema e a pintura se tornaram, para nós, com a sua disseminação mediática, em inesgotáveis reservatórios do nosso próprio imaginar.

Ao basear-se nessas imagens para depois as desconstruir - como tão evidentemente se percebe nessas obras cujo título nos faz querer evocar Mondriaan - Alexandre Cabrita reinventa as memórias da pintura e faz assim, quase perversamente, explodir o nosso imaginário. Tal como alguém que, insidiosamente, nos levasse a acreditar em falsas memórias induzidas, o artista conduz-nos através de falsas pistas até um momento de confronto com os próprios abismos desse reconhecimento último e brutal do nosso próprio engano. Como em A dama de Xangai, de Orson Welles, os abismos da não-referência num ilimitado jogo de espelhos...

Bernardo Pinto de Almeida  
(Fevereiro 2010)

## **Viagens - Places**



1. **Lawrence** - 2009, óleo sobre tela, 90 x 90 cm



2. **Piano** - 2010, óleo sobre tela, 100 x 100 cm



3. **Praceta** - 2010, óleo sobre tela, 97 x 130 cm



4. **Catarina** - 2010, óleo sobre tela, 60 x 99 cm





5. A Cidade e a Serra - 2010, óleo sobre tela, 114 x 145 cm



6. Sem Titolo - 2010, 100 x 100 cm



7. **Sem Título** - 2010, óleo sobre tela, 70 x 70 cm



8. **Retrato** - 2010, óleo sobre tela, 80 x 65 cm



9. Marquise - 2010, óleo sobre tela, 130 x 97 cm



10. Varanda - 2010, óleo sobre tela, 97 x 130 cm



11. xxxxxx - 20XX, óleo sobre tela, XX x XX cm

## Alexandre Cabrita

Lisboa – 1974.

Licenciado em Artes Plásticas – Pintura na Universidade de Belas Artes de Lisboa.

Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Londres, onde concluiu o Mestrado em Pintura pela St. Martin's School of Art & Design.

### Exposições individuais

- 2010** Viagens – Places – Galeria Valbom, Lisboa
- 2008** Trabalhos Recentes, Galeria Minimal, Porto
- 2007** – Batman em Bombaim, Galeria Minimal, Porto
- 2006** Novas Pinturas, Galeria Minimal, Porto
- 2005** O Desafio do Outro, Galeria Minimal, Porto
- 2004** Alexandre Cabrita, Espaço Prisões do Castelo de São Jorge, Lisboa
- 2002** Clip0005copy, Galeria Minimal, Porto
- 2001** The Little Hunchback, Galeria Minimal, Porto
- 2000** Kunstkammer, Wunderkammer, Gabinete de Curiosidades, Galeria Minimal, Porto

### Exposições colectivas

- 2010** ARTE LISBOA – Galeria Valbom
- 2008** ARTE LISBOA – Lisboa, Galeria Minimal
- 10 OLHARES – Galeria Valbom, Lisboa
- 2007** ARTE LISBOA – Lisboa, Galeria Minimal
- 2006** ARTE LISBOA – Lisboa, Galeria Minimal
- Maynard Leigh Gallery, London
- 2005** ARTE LISBOA – Lisboa, Galeria Minimal
- 2004** QUARANTANOVE: 2 – Alexandre Cabrita e Riccardo Abbate – Galeria Lipoly y Lopez – Roma
- ARTE LISBOA – Lisboa, Galeria Minimal
- 2003** ARTE LISBOA – Lisboa, Galeria Minimal
- Fiera d'Arte Contemporânea Forlì – Itália
- 2002** ARCO 02 – Madrid, Galeria Minimal
- 2001** ARCO 01 – Madrid, Galeria Minimal
- ARTE LISBOA – Lisboa, Galeria Minimal
- Directions Exhibition, Central Saint Martin's CAD, Londres
- Degree Show Central Saint Martin's CAD, Londres
- 2000** Colectiva, Galeria Minimal, Porto
- FIIC/FAC'00, Galeria Minimal, Lisboa
- 1999** M.A.L. em Colectivo - Exposição de Artes Plásticas - Galeria de Arte Periférica, Belém
- FIIC/FAC'99, Galeria Arte Periférica, Lisboa
- 1997** Colectiva, Escola Superior de Comunicação, Lisboa
- Finalistas da Universidade de Belas Artes de Lisboa, Olhar ou Ver Perspectivas de Futuro, Centro Cultural Emérito Nunes, Sines
- Finalistas das Belas Artes, S.N.B.A., Lisboa·1995 – Mostra de Arte Empresa dos Trabalhadores do Metro, Lisboa·1992 – O Tempo e as Artes, Instituto de Meteorologia, Lisboa·1991 – Trabalham além do Trabalho, Lisboa

### Prémios

- 1997** Prémio Pintura e Escultura D. Fernando II com Menção Honrosa, Sintra
- Prémio Vespeira, Bienal de Artes Plásticas, Montijo
- 1998** Prémio de Pintura João Barata, Lisboa
- 2º Prémio relativo ao Prémio de Pintura João Barata, Lisboa

### Bibliografia

- 2000** GALERIA MINIMAL – Gabinete de curiosidades. Catálogo de exposição. Porto: Galeria Minimal.
- 2002** GALERIA MINIMAL – Alexandre Cabrita. Catálogo de exposição. Porto: Galeria Minimal.
- ALMEIDA, Bernardo Pinto de – Transição – Ciclopes, mutantes e apocalípticos. Lisboa: Assírio & Alvim
- 2003** CRESCI, Simona – Un'immagine del Portogallo. "Arte Critica – Rivista di Cultura Figurativa". Ano X, nº 35/36
- 2005** POMAR – Alexandre – O desafio do outro. "Expresso – Cartaz". Fevereiro.



Av. Conde Valbom, n.º 89 - A  
1050-067 LISBOA  
Tel.: 21 780 11 10/12  
Fax: 21 780 11 11  
geral@galeriavalbom.com - www.galeriavalbom.com

## **Ficha Técnica**

### **Organização**

Galeria Valbom

### **Logotipo**

João Abel Manta

### **Fotografia**

Alexandre Cabrita

### **Texto**

Bernardo Pinto de Almeida

### **Pré-impressão, impressão e acabamento**

Gigaresma, Artes Gráficas

### **Tiragem**

xxx exemplares